

LEMBRANÇAS DO 11 DE MARÇO de 1975

José Manuel Duarte Fernandes

Na noite de 10 de março, estávamos jogando bridge no clube, eu, o Capitão G Monteiro, o Capitão A Ramos e o Major M. Mensurado quando os dois últimos foram chamados para uma reunião na BA 3

Na madrugada seguinte fui acordado pelo Major M Mensurado, Comandante do Grupo Operacional que me informou do teor da reunião onde tinha estado presente o General Spínola e mandou preparar o meu pelotão, constituído por militares experientes, na maioria haviam combatido em África, pois iríamos efetuar o heli-assalto ao Regimento de Artilharia de Lisboa.

No briefing fomos informados da necessidade e da urgência da acção dado que estava iminente uma acção denominada "matança da páscoa" onde seriam aniquilados cerca de 500 militares e 1000 civis por forças revolucionárias ligadas à extrema esquerda.

Ainda que no Regimento de Artilharia de Lisboa estariam aquartelados dois tupamaros para participarem na acção.

A operação consistia em cercar o Regimento de Artilharia de Lisboa por um "anel de fogo" constituído por 2 companhias do Regimento de comandos, 2 Destacamentos de Fuzileiros Navais, forças da Escola Prática de Cavalaria e 2 Companhias de Caçadores Paraquedistas.

A missão do meu pelotão seria efetuar o heli-assalto. Para tal seríamos largados na parada do Regimento de Artilharia de Lisboa, e "calar" as duas anti-aéreas existentes. Num momento posterior as forças do "anel de fogo" tomariam o quartel.

Perguntei então quais as frequências e indicativos rádio das forças do "anel de fogo?". Como este dado não me foi facultado comentei que essa operação me parecia "a guerra do solnado".

Ato imediato o Major M Mensurado chamou o Capitão S Martins a quem

ordenou:- “Sebastião vais comandar o heli-assalto. o candidato, (nome amigável que me era chamado) está com muitas dúvidas. Chegados ao Regimento de Artilharia de Lisboa, constatámos que em vez do "anel de fogo" o mesmo estava "cercado" por civis continuando as viaturas a circular livremente. Foi decidido, face às circunstâncias, não sermos largados na parada, mas sim na estrada em frente da porta de armas.

O piloto do "meu" héli, Alferes Chinita de mira, foi "abonado" com um tiro de G3 tendo ido aterrar na BA6.

Segundo consta, quando sobrevoámos Santarém, o Coronel Alves Morgado e o Capitão Salgueiro Maia ainda discutiam em reunião na sala de oficiais da EPC se a Escola saía. Nos Comandos e nos Fuzos não teria sido contactada a cadeia hierárquica atual, mas sim oficiais que haviam cumprido missões na Guiné.

Após a aterragem instalámos o pelotão junto aos prédios em frente ao Regimento de Artilharia de Lisboa, controlando a porta de armas, enquanto aguardávamos pela chegada das 2 Companhias de Caçadores Paraquedistas quando um grupo de militares do Regimento de Artilharia de Lisboa do qual faziam parte o capitão Diniz de Almeida e o tenente Quinhones veio ter connosco.

Foi um momento de grande tensão, armas apontadas, após o qual se estabeleceu o diálogo que todos os anos a televisão nos recorda entre o capitão Dinis de Almeida e o Capitão Sebastião Martins.

Regressados a Tancos, dois dias depois chega uma mensagem do Comando Operacional do Continente (Copcon), que ainda guardo, perguntando pelo Ten/paraquedista Duarte ferreira, que tinha estado no ataque ao Regimento de Artilharia de lisboa. A resposta foi: não existe Ten Duarte Ferreira nas tropas paraquedistas. Entretanto, por escala, sou nomeado para comandar a força paraquedista de segurança ao Presidente da República, no Palácio de Belém. Aproveitei o tempo livre para visitar no reduto norte do Presídio de Caxias, militares por quem tinha amizade e respeito. Mal sabia que, dois dias depois, lhes

iria fazer companhia. Na realidade saíra o livro "11 de março, o tiro pela culatra, onde apareço numa foto de página inteira com a legenda "tomar posição". Recebo então em Belém, uma chamada do Major M Martins, onde sou informado que iria ser substituído pelo que deveria esperar pelo meu substituto. Respondi apenas "já estou a sair". Decidir apresentar-me em Tancos. No dia seguinte juntamente com 27 pilotos da Força Aérea, porque havia sido decidido pela Comissão Inquérito que todos os pilotos que voaram dia 11 seriam detidos, fui com guia de marcha apresentar-me no Presídio de Caxias tendo sido instalado no reduto norte. Como curiosidade o facto do Alferes Lorenti que por aproveitado "boleia" de Tancos para Lisboa no avião Nordatlas para regressar a casa na sequência de folga foi igualmente preso.

Após a inspeção, onde tivemos "tudo a que tínhamos direito", desde foto de presidiário até toque anal, fomos distribuídos pela cela 2 e 8, seja 14 em cada cela.



Eram celas com logística para 7 utentes, onde colocaram beliches.

Foi péssimo! No regulamento prisional, tinham sido abolidas todas as regalias dos presos, nomeadamente no que ao número de visitas dizia respeito bem como todo o acesso a informação.

Uma vez por dia, durante uma hora, tínhamos o recreio na cobertura do presídio com 20 metros quadrados, jogava-se futebol de 7 e aos domingos havia missa. Era o único lugar onde os presos se encontravam e falava-se de tudo menos de religião. Eram rigorosamente proibidas as bebidas alcoólicas.

Porém faço anos a 17 de abril e como sempre celebrei o meu aniversário, e não custa tentar, requeri por escrito ao Diretor do Presídio, Comandante fuzileiro Xavier, que fosse autorizada a entrada para as celas 2 e 8 de 1 bolo de aniversário, 10 litros de vinho, 2 garrafas de whisky e 2 garrafas de champagne. Após cerca de uma hora de discussão em que fui insultado e ameaçado de ir para a solitária impôs-se a recordação dos tempos em que ambos servimos na Guiné e autorizou.

Fui então nessa confraternização “nomeado” pelos oficiais piloto-aviador como piloto honorário com direito a despacho redigido na tampa da caixa do bolo, e este dia foi para alguns o dia menos ingrato da sua estadia no presídio de Caxias.

Por fim, ainda hoje acho incompreensível como tantos agraciados com medalha de "Torre e Espada", “Valor Militar”, “Cruz de Guerra” e “Serviços Distintos” se deixaram envolver neste acontecimento.

Dedico uma oração a todos aqueles que apesar dos seus feitos valorosos não se foram da lei da morte (física) libertando.

11 de março de 2020